

**Adriana Brandão. *Les Brésiliens à Paris: au fil des siècles et des arrondissements*. Paris: Chandeigne, 2019. 350p. (ISBN 978-2-36732-191-2). Paperback.**

Maria Angélica Amâncio

Resultado de cinco anos de pesquisa, *Les Brésiliens à Paris*, da jornalista e historiadora Adriana Brandão, compila cinco séculos da presença brasileira na capital francesa. Não é o tempo, porém, o principal critério de organização da obra, embora seja essa a impressão gerada nas primeiras páginas, que evocam a viagem da Índia Paraguaçu e do português Diogo Álvares à França, no começo do século XVI. Um dos primeiros méritos do livro é justamente o de se afastar, tanto quanto possível, da tradicional ordem cronológica, comum nesse tipo de trabalho. A autora escolhe, em vez disso, a estrutura espacial: cada capítulo se refere a um dos vinte *arrondissements* em que se divide Paris.

Nessa espécie de guia, o leitor é, então, convidado a passear pelos diferentes bairros parisienses, descobrindo neles placas, edifícios, monumentos, que simbolizam as marcas deixadas por cerca de trezentos brasileiros na Cidade Luz. Um dos mais célebres é, sem dúvida, Alberto Santos Dumont (1873-1932), que dá nome a uma rua, no 15º distrito. Em 1901, o “pai da aviação” contornou a torre Eiffel com seu balão dirigível N°6. Essa façanha, acompanhada por milhares de pessoas, rendeu-lhe o Prêmio Deutsch e foi fundamental para o desenvolvimento do avião. O primeiro voo do 14-Bis (ou o *Oiseau de Proie*, como denominaram os franceses) aconteceu nos *Jardins de Bagatelles*, cinco anos depois. Na famosa *Avenue des Champs-Élysées*, encontra-se uma placa indicando o imóvel onde morou o inventor e diante do qual aterrissou, em 1903, o seu dirigível N°9.

Na mesma avenida, no número 90, vê-se o prédio onde funcionava o escritório de Oscar Niemeyer (1907-2012). O arquiteto, conhecido principalmente pela construção de Brasília, exilou-se na França em 1964, quando teve início a ditadura militar no Brasil. Ele concebe, então, uma série de importantes edifícios, como a imponente sede do Partido Comunista, localizada na praça *du Colonel Fabien*, no 19º distrito. Também Lúcio Costa, outro idealizador da capital brasileira, deixou rastros por Paris: num projeto conturbado empreendido com Le Corbusier, construiu-se a *Maison du Brésil*, fundada em 1959, na *Cité Universitaire* (14º *arrondissement*).

Conforme demonstra Adriana Brandão, Niemeyer foi um dos tantos intelectuais a se refugiarem em Paris, durante períodos de instabilidade política no Brasil, como o Estado Novo, na era Vargas (1937-1945) e, é claro, a ditadura militar (de

1964 a 1985). Alguns deles viriam a atuar nas universidades francesas: é o caso do economista Celso Furtado, ministro do planejamento do governo João Goulart, que lecionou por vinte anos na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Sorbonne, e do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, que foi professor em *Nanterre Université*, antes de se tornar presidente do Brasil, por dois mandatos (1995-2003). A autora cita também outras figuras notáveis, mesmo que menos populares, como o artista plástico Arthur Piza e sua esposa, a escritora Célia Piza, que acolheram, em seu apartamento ou em seu ateliê, ambos na rua *Dauphine* (6º distrito), diversos conterrâneos exilados. Destaca também outros personagens cujo mérito ultrapassa as fronteiras nacionais, como Luiz de Souza Dantas. Embaixador do Brasil na França de 1922 e 1944, ele concedeu vistos a centenas de refugiados, durante a Ocupação Nazista, contrariando as normas do governo de Getúlio Vargas e, assim, salvando muitas vidas, especialmente de judeus.

Dantas não pôde, infelizmente, interceder por Olga Benário, esposa de Luís Carlos Prestes e militante comunista de origem judaica, entregue em 1936 à Alemanha, onde morreria, numa câmara de gás, seis anos depois. É válido ressaltar aqui outra grande qualidade da obra de Brandão: ela acompanha certas personalidades – e outras pessoas a elas relacionadas, como seus descendentes e ascendentes –, pelo tempo e pelo espaço. O exemplo de Olga é emblemático, pois, ao longo de diferentes capítulos, é possível encontrar informações sobre a jovem alemã, seu relacionamento com o revolucionário brasileiro, a luta de Leocádia Prestes para salvar o filho e a neta, Anita, que, por sua vez, também obtém destaque no livro. Até Filinto Müller, o colaborador que entregara, à Gestapo, Benário e tantos outros, como o cantor Agostinho dos Santos (intérprete no filme *Orfeu Negro*, de Marcel Camus), é citado: por ironia do destino, ele é uma das 134 vítimas do acidente do Boeing 707, da Varig, em 1973, em Saulx-les-Chartreux, nos arredores da cidade onde Olga e Carlos Prestes se conheceram.

Essa abordagem deixa a obra mais coesa, conferindo-lhe também uma tonalidade romanesca. Como numa narrativa literária, o leitor se surpreende com as reviravoltas da “trama”, a alternância entre passagens cômicas e dramáticas, a reaparição de personagens que encontrara em capítulos anteriores, em novos contextos, cargos, roupagens. Tal tratamento faz com que as personalidades evocadas extrapolem o caráter de meros “verbetes”, ganhando vida, nessa espécie de enciclopédia humana.

Ao mesmo tempo, a autora explora determinadas características desse gênero textual. De fato, o livro pode se tornar um trabalho de consulta, ao qual se recorra em busca de breves biografias ou descrições de locais e símbolos que remetam a ilustres

brasileiros que passaram por Paris. Isso se dá graças a um index cuidadoso, que ordena alfabeticamente os nomes de pessoas e lugares mencionados. Além disso, cada capítulo é compartimentado em subcapítulos, cujo conteúdo é explicitado já nos subtítulos. Lê-se, por exemplo: “*Musée des Arts décoratifs, rue du Louvre: les tapis du designer Silva Bruhns*”<sup>1</sup> (Brandão, 2019, p.29) ou “*Siège du Crédit Lyonnais, Boulevard des Italiens: le couple d’artistes Angelo Agostini (1843-1910) et Abigail de Andrade (1864-1890)*”<sup>2</sup> (Ibidem, p. 35). Os subtítulos especificam, portanto, o local e as personalidades envolvidas em cada seção, orientando com clareza a leitura.

É importante observar ainda o belo trabalho das *Étidiions Chandeigne*, que, com esse livro, dão sequência ao projeto iniciado com *Les Portugais à Paris* (2009), de Agnès Pellerin. Nesse sentido, destacam-se as diversas imagens que enriquecem a obra de Brandão: são desenhos, reproduções de quadros, fotografias (em sépia, preto-e-branco e coloridas), capas de livros e discos, cartazes e anúncios publicitários. Tem-se acesso, por exemplo: ao passaporte utilizado por Carlos Prestes e Olga Benário quando (sob os nomes Antônio e Maria Vilar) se hospedaram no *Hôtel du Louvre*, na rua de Rivoli, em 1934; à capa do primeiro número da revista “*Nitheroy*” (1836), editada, entre outros, pelo pintor Araújo Porto-Alegre e pelo poeta Domingos de Magalhães, precursor do romantismo brasileiro; ao cartaz do concerto com as obras de Heitor Villa-Lobos, interpretadas por Arthur Rubinstein e Elsie Houston, na *salle Gaveau*, em 1927.

A arte, em suas diferentes formas, tem protagonismo nesse trabalho. Brandão revela as peças brasileiras (quadros, esculturas, tapetes etc.) a comporem os principais museus da capital francesa, como o *Centre Pompidou*, o *Quai Branly* e o *Louvre*. Ela também descreve a história com Paris de escritores como Guimarães Rosa, Jorge Amado e Zélia Gattai, fotógrafos como Sebastião Salgado, cineastas como Nelson Pereira do Santos e Joaquim Pedro de Andrade, além de músicos como Chico Buarque e Caetano Veloso.

A autora, contudo, vai mais longe. Ela investiga a presença da fauna, da flora e dos recursos minerais brasileiros, em diferentes galerias no *Jardin des plantes*. Busca os diferentes vestígios deixados pelos positivistas brasileiros no território francês. Resgata a narrativa de estrangeiros que se apaixonaram pelo Brasil e ali se instalaram, como a bailarina Tatiana Leskova, ou que cooperaram com os brasileiros, em momentos politicamente instáveis, como o escritor André Malraux. Indaga sobre

---

<sup>1</sup> Museu de artes decorativas, rua do Louvre: os tapetes do designer Silva Bruhns.

<sup>2</sup> Sede do banco Crédit Lyonnais, Boulevard des Italiens: o casal de artistas Angelo Agostini e Abigail de Andrade.

restos mortais tupiniquins no famoso cemitério *Père-Lachaise*. Escreve sobre jogadores de futebol, como Raí e sua apaixonante relação com o PSG; sobre a ascensão e a queda do empresário Carlos Ghosn; sobre Marielle Franco e o jardim inaugurado em sua homenagem, em 2019.

Sente-se que sua pesquisa é movida por certo anseio de plenitude, que faz com que o livro se assemelhe, por vezes, a um gabinete de curiosidades. A aparente neutralidade com que são contadas histórias de personalidades tão distintas faz pensar nesses espaços em que as descobertas mais impressionantes, sobretudo dos séculos XVI e XVII, eram colocadas lado a lado, justapostas, em acúmulo. A autora faz, assim, as vezes de uma colecionadora, que apresenta para o leitor seu vastíssimo acervo. É pena, porém, que a esmagadora maioria das figuras escolhidas para compor essa “coleção” sejam as celebridades – da política, do esporte, da arte, da ciência. Os milhares de brasileiros anônimos que residem e trabalham na França<sup>3</sup> acabam relegados às margens – não do rio Sena, mas da própria capital francesa. O título do livro poderia ser, assim, não *Os brasileiros em Paris*, mas *Os brasileiros ilustres em Paris*.

Contudo, a presença desses brasileiros comuns pode ser vislumbrada no “Guia prático”, outro importante elemento a compor esse trabalho. Nele, figuram nomes de restaurantes, escolas, livrarias, instituições diversas que divulgam a cultura brasileira na Cidade Luz. Sabe-se, além disso, que a completude não é viável nem é possível. A autora respeitou o projeto a que se propôs e, nesse sentido, realizou um trabalho primoroso: instrutivo, interessante, de uma leveza saborosa, que faz com que o leitor anseie sempre pela próxima página, pelo próximo *arrondissement*. A obra de Adriana Brandão merece, portanto, compor a biblioteca de todos aqueles que se interessam pelo Brasil, pela França ou pelos longos laços de amizade que unem, há séculos, esses dois países.

---

<sup>3</sup> Segundo dados divulgados pelo Itamaraty, cerca de 60 mil brasileiros moram atualmente na França: < [http://cgparis.itamaraty.gov.br/pt-br/brasileiros\\_na\\_franca.xml](http://cgparis.itamaraty.gov.br/pt-br/brasileiros_na_franca.xml) > Consulta em: 21/04/20.